

SUMÁRIO



Agradecimentos	5
Prefácio por Ramon Montagner	7
Introdução	9

PARTE I **CONCEITOS E IDEIAS**

Um pouco de história 1 (Gohn)	12
Um pouco de história 2 (Pladevall)	15
Essa tal de tecnologia	18
A era do vídeo digital	21
Tempos de redes sociais	24
O professor de bateria	27
Uma conversa com Freddie Gruber	30
A bateria eletrônica	37
Educação a distância e bateria	40
Recomendações de escuta – 1 (Gohn)	43
Recomendações de escuta – 2 (Pladevall)	44
Alicerces da bateria brasileira	45
Considerações finais	46

PARTE II **COMPOSIÇÕES**

Composições	49
-------------------	----

SOLOS PROGRESSIVOS

Solo 1	51
Solo 2	52
Solo 3	53

DUETOS

Será o Benedito?	54
Cinco é Demais	62
Amável Resistência	70
Tempos de Crise	78

QUARTETOS

Será o Benedito?	86
Cinco é Demais	102
Kampai	118

PREFÁCIO



Estamos vivendo tempos tanto de extrema facilidade ao acesso, quanto de abundância no que diz respeito à informação. Hoje em dia, tudo, ou praticamente tudo do que precisamos, encontramos com a implantação e o estabelecimento da internet rápida, com enorme velocidade na troca de dados digitais. O que buscarmos ou quisermos ouvir em termos de música acharemos com muita facilidade.

Assim como os autores deste livro, acredito que em contrapartida, ou até mesmo devido à total exposição às informações, desenvolvemos uma relação diferente com nossa busca da voz interior, nossa maneira pessoal de pensar a música e de buscá-la com afinco, como em outros tempos digeríamos cada amostra de qualidade, de LPs e fita cassete à CDs. Tal fato talvez seja até mesmo devido à percepção de que essas informações, à época tesouros para nós, e que antes eram dificilmente caçadas e veneradas, estejam hoje a poucos *clicks* de distância.

No livro “A Civilização do Espetáculo”, de *Mario Vargas Llosa*, já crítico ao comportamento repleto de superficialidade de nossa época, conheci por meio de uma citação o respeitado autor *Nicholas Carr*, também crítico das superficialidades e excessiva exposição às redes. Em seu livro “A Geração Superficial”, *Nicholas* mostra os malefícios e as contradições dessa geração que tende a não conseguir ler nada mais profundo do que manchetes em

sites e seguir *hyperlinks*, sem quase nenhum critério.

Somado a isso vemos certa decadência na música popular brasileira. Banhados pelo relativismo cultural e em nome do politicamente correto, gestores culturais e setores da sociedade equiparam e dão o mesmo valor à uma fuga de Bach e à qualquer música que esteja nas paradas de sucesso, com hits “bombados” no YouTube. Percebidas as diferenças sociais e o valor de cada cultura para seu espaço e ambiente, devemos dizer e reforçar que existe o mais belo, o melhor, o mais rebuscado, aquele que é refinado e tem o esforço humano na apreensão da realidade, busca da beleza e sua representação no objeto artístico, no caso, a música.

De *Mario Vargas Llosa* e *Nicholas Carr* a *Neil Postman* e *Andrew Keen* (esses últimos já por sugestão de *Daniel Gohn!*), que também questionaram as nossas atualidades, refiz uma parte de um trajeto já feito por outros e percebi algo de errado. Reacendi a minha chama e vontade de devorar livros da infância, e num sentido mais amplo, vontade de absorver mais conhecimento.

Isso posto, e salvo as sempre pungentes exceções, não sinto a mesma vontade e determinação em boa parte dos alunos e professores de hoje em dia e concordo com os queridos autores no sentido de que, de modo geral, busca-se mais os holofotes, ou ainda, os “likes” e “reposts” do que a vivência real de um músico profissional

ou de um professor consagrado e experimentado nos palcos, salas de aula e estúdios.

O livro **NO MUNDO DA BATERIA**, de *Jayme Pladevall* e *Daniel Gohn*, vem ao encontro das minhas reflexões e de tantos outros que se incomodam com nossa realidade. Além de um breve histórico de cada autor, narrando suas colossais experiências tanto no mundo da música profissional quanto no meio acadêmico brasileiro, discorrem sobre a época das vídeo-aulas, chegando às redes sociais e plataformas que oferecem cursos *on-line*, e retratam também um pouco do ensino à distância, a EAD, modalidade crescente e já muito presente nas graduações de universidades brasileiras.

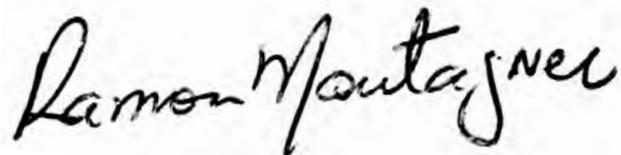
O primoroso texto, feito à quatro mãos pelos autores, nos dá uma base real de nosso estágio, aqui no Brasil, como apreciadores e consumidores de arte, mais especificamente de

música. Relata uma realidade por vezes sombria e de certa forma esperançosa, pois sempre existirão casos à parte e pessoas que pensam de maneira incomum e criativa.

Ainda na primeira parte nos expõem dicas valiosas e sugestões discográficas, e uma brilhante e original entrevista com um dos grandes professores de bateria de todos os tempos, o grande *Freddie Gruber*, mestre de mestres como *Dave Weckl*, *Steve Smith* e *Neil Peart*. E finalmente, na segunda parte do livro, nos brindam com composições super interessantes e inspiradoras de quartetos e duetos para bateria.

O **NO MUNDO DA BATERIA** de *Daniel* e *Jayme* certamente fará muito bem ao “nosso mundo” e nos trará reflexões e sugestões. Nos fará pensar e rever certos conceitos e, lido pela juventude baterística brasileira, será paradigmático e indispensável. ■

São Paulo, 13 de Junho de 2018

A handwritten signature in black ink that reads "Ramon Montagner". The signature is written in a cursive, flowing style.

INTRODUÇÃO



Este livro surgiu a partir da convivência dos dois autores desde o ano de 1984. Primeiramente como aluno e professor, depois como colegas de projetos musicais, sempre ocorreram conversas sobre a música, os desafios profissionais dos bateristas, os novos equipamentos, as famílias e a vida em geral. Mais recentemente, foram muitos os cafés combinados com mais conversas, essas já direcionadas para a produção de um material para compartilhar nossas ideias. Não há verdades absolutas neste livro, mas apenas pensamentos dos autores, que podem ser interpretados, adaptados e contestados.

Os textos aqui apresentados trazem visões de duas gerações, com formas de pensar que misturam o convívio com as tecnologias digitais da atualidade e as experiências vividas no século XX. *Jayme Pladevall* conheceu o mundo da bateria durante os anos 60. A perspectiva de quem acompanhou todas as transformações desde então tem muito valor, pois revela aspectos que muitas vezes não são óbvios para os mais jovens. *Daniel Gohn* se juntou ao time dos bateristas em meados dos anos 80, entrando mais tarde no universo acadêmico da música. Sua experiência em universidades (Bacharelado na Unicamp, Mestrado e Doutorado na USP e atuação docente na UFSCar) abriu outros caminhos para a bateria, com um olhar de pesquisador e de quem trabalha como professor no ensino superior.

O objetivo dessa mistura é buscar um ponto de equilíbrio, mostrando problemas dos tempos modernos. As novas tecnologias têm sempre um enorme apelo pelas maravilhas que proporcionam, mas frequentemente não se dá atenção aos efeitos colaterais. “Nenhuma tecnologia é neutra”, como dizia *Neil Postman*¹, pois modificam o mundo de forma irreversível. As facilidades alcançadas sempre têm consequências escondidas, que se revelam somente depois de um certo tempo. *Jayme* lecionou bateria a maior parte de sua vida sem recursos digitais e desenvolveu um olhar crítico para identificar essas consequências. *Daniel* se especializou na relação entre tecnologias e educação musical, publicando livros sobre o assunto e coordenando o curso a distância de música na Universidade Federal de São Carlos. Dessas vivências combinadas, resultam os capítulos sobre algumas questões que consideramos relevantes para os bateristas no mundo moderno.

Os autores não pretendem convencer ninguém com as suas opiniões, tampouco causar alvoroço a partir de qualquer dos temas levantados. Trata-se apenas um escape para conversas que poderiam acontecer com o leitor, da mesma forma que aconteceram nos cafés mencionados acima. Portanto, não há uma intenção científica nesta obra e não foram colocadas referências para comprovar determinadas afirmações. Os

1. POSTMAN, Neil. **Technopoly**. The surrender of culture to technology. New York: Vintage Books, 1993.

pensamentos expressados no livro são de responsabilidade unicamente dos autores e sempre há indicação se o texto foi produzido de forma individual ou em dupla. Quando não houver indicação, o resultado é de trabalho colaborativo e reflete uma concordância de ideias.

Este livro também contém partituras de composições resultantes do trabalho do **PLAGOHN**, um duo de baterias formado pelos autores *Jayme Pladevall* e *Daniel Gohn*. Além dos duetos, também há solos e quartetos. As peças são mostradas completas, com as linhas de bateria juntas, para que se perceba a “conversa entre as vozes”; e também com partituras separadas para cada bateria, possibilitando que o leitor as toque com outros músicos ou acompanhando as gravações disponíveis *on-line*².

Todas as composições são dos próprios autores e tem como pano de fundo uma proposta bem direcionada: colocar a bateria como elemento central da Música (com destaque para a inicial maiúscula), construindo obras que superem o estereótipo de mero instrumento acompanhador. Para isso, com suas estruturas rítmicas, as peças desenham caminhos melódicos e criam texturas que remetem a complexos ambientes harmônicos. Em outras palavras, buscam distanciar-se da simples repetição contínua de ritmos, que serviriam apenas como base para desenvolvimentos musicais de outros instrumentos, e produzem música de vida própria, com melodias que são facilmente percebidas, memorizadas e cantaroladas. Ou seja, são músicas “para assoviar”.

Percebemos esse uso musical da bateria com vários instrumentistas, a exemplo dos solos de *Joe Morello* (escute *Far More Drums*, do disco *Time Further Out*), *Bill Stewart* (escute *Jive Coffee*, especialmente na versão gravada no *Modern Drummer Festival* de 1997), *Jeff Hamilton* (escute

A Night in Tunisia, na versão gravada no *Modern Drummer Festival* de 1998), ou *Realcino Lima*, o *Nenê* (escute o solo *Passarinho que não voa*, do disco *Minuano*). Nesses casos, estamos destacando músicos tocando solos improvisados, ainda que algumas ideias tenham sido planejadas previamente. Neste livro, por outro lado, buscamos o mesmo caminho musical, mas no contexto de peças escritas. Ou seja, há uma proposta de intenção “camerística”, de interpretação do que está na partitura, em que o resultado sonoro será quase sempre o mesmo, sem improvisações.

As origens das composições deste livro estão no início dos anos 2000, quando *Jayme Pladevall* formou o quarteto de baterias **CASA DE MARIMBONDO**, junto a um grupo de ex-alunos seus: *Daniel Gohn*, *Pepa D’Elia* e *Alex Reis*. *Ramon Montagner* chegou a fazer parte do projeto, quando esse foi um quinteto, mas saiu depois de um ano, deixando uma composição sua para ser gravada. Esse grupo lançou um CD em 2004, com sete peças escritas pelos próprios integrantes. Mais tarde, outras composições foram produzidas e registradas. As peças para quarteto neste livro foram primeiramente tocadas pelo **CASA DE MARIMBONDO** e são apresentadas aqui na forma em que foram gravadas.

Agora, o duo **PLAGOHN** busca uma nova sonoridade, com arranjos para duas baterias. Esperamos que o material sirva tanto para professores utilizarem com seus alunos como para a prática de músicos profissionais. Há conteúdos acessíveis para o iniciante e desafiadores para instrumentistas de nível intermediário e avançado. Dessa forma, espera-se que este livro traga contribuições significativas para o universo da bateria, assim como para todo o círculo musical que se interessa por esse instrumento. Na parte I, apresentamos conceitos e ideias; na parte II, nossas composições. Bom proveito! ■

2. No endereço eletrônico www.danielgohn.com podem ser acessadas gravações de algumas peças deste livro.

UM POUCO DE HISTÓRIA

DANIEL GOHN

Para a minha filha Alice, nascida em 2015, será sempre difícil compreender como o mundo funcionava nos anos 80. Como as pessoas se comunicavam, como descobriam o que iria acontecer e como se chegava aos lugares dos acontecimentos? Como decidiam o que comprar e de que forma comparavam os preços para saber se algo era caro? Como contavam aos amigos o que tinham feito e mostravam suas conquistas? A velocidade em que as informações circulavam era muito menor e as prioridades na vida de todos eram diferentes, pautadas por decisões tomadas com base em pesquisas mais demoradas, conversas com pessoas mais experientes e mais reflexão.

Começar a tocar bateria durante os anos 80 apresentava vários desafios, começando pela escolha do instrumento para comprar. Eu tinha acabado de mudar com minha família para Campinas, interior de São Paulo, com 12 anos de idade. Não existiam lojas onde eu pudesse experimentar baterias, nem revistas especializadas com as informações que eu precisava. Conhecidos me indicaram um vendedor que ia até a casa do interessado e oferecia alguns instrumentos que ele tinha disponíveis. Dessa forma, comprei uma bateria Pinguim, tendo como base unicamente a opinião do vendedor. Sorte que aquela opinião resultou em um bom instrumento, assim como na indicação do meu futuro professor, *Jayme Pladevall*.

A importância de ter contato regular com um professor de alto nível foi enorme. Tive a chance de ampliar não apenas meu conhecimento sobre ritmos e rudimentos, mas também o uni-

verso de música a que eu tinha acesso. Tornou-se comum levar fitas cassete para o *Jayme* gravar discos que ele considerava relevantes. Após alguns anos estudando com ele, entrei no primeiro curso superior de música popular que surgiu no Brasil, na Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp. O meio acadêmico, que futuramente seria o meu campo de trabalho, mostrou uma segunda forma de me relacionar com o estudo musical. Tudo era mais estruturado e rígido, o que obviamente trazia pontos positivos e negativos. Uma das lições valiosas que aprendi ali foi que, se queremos viver da música, é preciso criar círculos de relacionamentos, o que envolve lidar com opiniões diferentes das nossas, compreender regras de ética e desenvolver habilidades sociais.

Na universidade, ao mesmo tempo em que fui aprendendo a trabalhar com outros músicos, também me influenciei pelas opiniões deles. Isso resultou em um mergulho no *jazz* e na música instrumental brasileira, o que foi ótimo para meu desenvolvimento. Mas, por outro lado, durante um tempo acreditei que o meu “paladar musical” de antes era inferior, especialmente em relação ao *rock*, o que absolutamente não é verdadeiro. Como muitos bateristas da minha geração, tive fases de usar toda a minha técnica para deixar as performances “elaboradas”, sendo que muitas vezes a música demandava algo muito simples. Com o passar dos anos, a experiência me mostrou que existe espaço e momento para todo gênero musical, que a quantidade de notas por compasso não tem nenhuma ligação com qualidade, e que

o maior objetivo seria encontrar a minha própria voz no instrumento.

Comecei a participar de diversos conjuntos e jamais desprezei uma oportunidade para tocar. Fiz shows instrumentais com o grupo *Violectra* em vários festivais e projetos culturais, destacando-se uma apresentação ao lado da *Orquestra Sinfônica de Campinas* em 1994. Nesse período, também acompanhei artistas internacionais de *dance music* em suas turnês no Brasil. Foram dezenas de shows com *La Bouche*, *Joy Salinas*, *Playahitty*, *Nevada* e *Venus*, nomes que eram regulares na programação das rádios na época. Todas essas experiências ajudavam meu amadurecimento, pois mostravam que tocar bateria era apenas parte do trabalho e outros aspectos também estavam envolvidos.

Já inserido no âmbito profissional da música, depois da Unicamp pude conhecer uma terceira forma de vivência musical: fui estudar em Nova York, onde acabei trabalhando durante 3 anos na escola *Drummers Collective*. Naquela cidade, a qualidade altíssima dos músicos proporcionava uma enorme profundidade na aprendizagem. O conhecimento era passado em primeira mão, de professores que dedicaram suas vidas inteiras a determinados estilos musicais. A fonte era direta, mas não havia atalhos – o processo sempre era tão valorizado quanto o produto final. Em anos recentes, com as novas tecnologias percebemos que há uma busca constante por “soluções mágicas”, com a promessa de ensinar rapidamente o que antes demandava anos de estudo. Por mais que os recursos tecnológicos tenham facilitado o acesso a informações, fiquei convencido de que nada iria superar ter assistido ao vivo bateristas como *Elvin Jones*, *Tony Williams* e *Jack DeJohnette*.

O período na *Drummers Collective* me levou a trabalhos com a *DCI Music Video*, que depois se transformou em *Hudson Music*, empresa pioneira na produção de vídeo-aulas de bateria. Essa é a companhia que fez os primeiros vídeos do *Steve*

Gadd, “*In Session*” e “*Up Close*”, e do *Dave Weckl*, “*Back to Basics*” e “*The Next Step*”. Ou seja, era a principal referência de vídeo-aulas no mundo todo. Observar os produtores *Rob Wallis* e *Paul Siegel* em ação abriu outra perspectiva sobre o ensino do instrumento, pois estavam sempre buscando captar o que os músicos tinham desenvolvido de melhor em suas carreiras, destacando pontos de interesse de forma a fazer sentido junto a aprendizes e profissionais. Observando bateristas de relevância mundial em seus processos de produção, aprendi que existem diferentes tipos de saberes na bateria. Alguns deles não conseguiam colocar em palavras o que faziam e tinham facilidade somente para tocar. Outros tinham suas práticas bem sistematizadas e podiam verbalizar os detalhes de como desenvolveram suas ideias.

Assim, participando das gravações de muitos bateristas, como *Gregg Bissonette* e *Thomas Lang*, e também fazendo as entrevistas para os DVDs dos festivais da revista *Modern Drummer*, estive junto ao patamar mais alto da performance que existe com esse instrumento. Em última instância, o que ficou claro é que toda a técnica daqueles fabulosos músicos não teria sentido se não estivesse a serviço da musicalidade que já existia dentro deles. E, se é fundamental praticar esses aspectos técnicos e conquistar proficiência na bateria, mais importante ainda é buscar uma voz própria, que irá diferenciar tudo que for tocado. Logo, ao invés de competir com outros bateristas, o correto é desafiar a nós mesmos, buscando criar algo nosso e definindo uma sonoridade. Quem assiste ao *Stevie Wonder* tocando bateria compreende isso – embora a técnica não seja refinada, no sentido mais comum da palavra, sua forma de tocar é marcante. Todos os músicos que entrevistei (*Stewart Copeland*, *Dave Weckl*, *Steve Gadd*, *Keith Carlock* e vários outros), além de excelentes instrumentistas, são também pesquisadores e entendem muito bem o que fazem. Cada um do seu jeito, passam a vida pesquisando

e aplicando suas descobertas, seja tocando, produzindo música ou ensinando.

Quando voltei ao Brasil, decidi buscar novas etapas na universidade e fui fazer mestrado e doutorado na USP. Eu já tinha ouvido dizer que “estudo acadêmico” e “tocar” são coisas diferentes e quase opostas, isto é, “quem sabe, toca; quem não sabe, ensina”. Com o tempo, percebi que não é bem assim. A vida não é feita somente de *flams* e *paradiddles* e a reflexão nos ajuda a perceber melhor as coisas. Depois, quando comecei a lecionar em universidades, aprendi que o papel de professores acadêmicos inclui uma série de compromissos, além de dar aulas de bateria. O bom professor de música deve tocar seu instrumento muito bem, mas também ter boa pedagogia, estimular e orientar leituras e pesquisas, se atualizar constantemente, entre outras tarefas menos prazerosas, como assumir cargos administrativos de chefias e coordenações. Portanto, para ensinar é preciso saber muito. Para ensinar na universidade, é preciso saber ainda mais.

Logicamente, podem existir professores bons e ruins, como ocorre com profissionais de qualquer outra área. O problema é que o conceito de “músico bom”, em muitos casos, passou a ser medido apenas pela destreza técnica, em geral em comparação com a nossa própria capacidade. Se tal músico consegue tocar muito rápido

e fazer malabarismos que parecem impossíveis, ele é ótimo; se outro toca o “normal”, não desperta a atenção. No entanto, é fundamental entender que a velocidade das mãos e pés não é o mais importante. A partir desse ponto de vista, no qual a técnica é um dos saberes importantes para um baterista, mas não o único, temos melhores condições de apreciar e valorizar a música, nossos professores, nossos colegas de profissão e a nossa própria musicalidade.

Atualmente, com meu trabalho na Universidade Federal de São Carlos, continuo buscando minha felicidade com a bateria e tentando compartilhar isso com meus alunos. Nas últimas décadas tive intensos momentos de realizações proporcionados pela música, com a sensação de “fechamentos de ciclos”. Me apresentei em grandes festivais de percussão, entre os quais o *Batuka!* (2002, 2004 e 2009) e o *Festival Internacional de Percussão do Conservatório de Tatuí* (2005), tanto com o quarteto **CASA DE MARIMBONDO** como com o grupo **TRIBORES**. Toquei em grandes palcos com o trio **DAS FOSSEM**, abrindo shows de bandas internacionais como o *Scorpions* (2010), que me servia de inspiração desde quando eu os assisti no *Rock in Rio*, em 1985. Não deixo passar as chances para novas experiências musicais e procuro aprender algo diferente todos os dias. Dessa forma, sigo explorando e estudando esse

formidável mundo da bateria. Independente de como será o futuro do planeta, espero que a música continue fazendo tão bem para minha filha Alice quanto fez para mim. ■



Casa de Marimbondo,
São Paulo, 2005